

Aos colegas do HCTE,

Essa semana fomos tomados de surpresa por uma notícia que pode ser considerada, de maneira bem eufêmica, desagradável. Refiro-me ao cancelamento das bolsas conferidas aos alunos de pós-graduação que possuem algum vínculo empregatício. Não posso estar junto dos senhores que debatem tal assunto justamente por causa da minha atividade profissional.

A cerca de um ano atrás foi determinado que alunos de programa de pós-graduação que possuíssem vínculos empregatício, sobretudo os que exercem atividade docente, poderiam, a partir de então, serem agraciados com a bolsa de pós-graduação como maneira de complementação financeira. Fui tomado de imensa alegria, principalmente quando soube que seria agraciado por tal decisão.

Historicamente a educação no Brasil sempre foi direcionada para os setores, ou se preferirem *classes*, mais abastadas. Do ensino exercido pelos jesuítas, passando pela criação de institutos de educação superior, o conservadorismo, nesse sentido, sempre foi mister. A educação quando oferecida aos setores menos abastados sempre foi marcada com um direcionamento técnico. Em outras palavras: formava-se mão de obra para atuar em áreas com menor prestígio e qualificação.

Durante o século XX, apesar dos avanços existentes, a educação, sobretudo a superior, manteve o mesmo padrão dos períodos colonial e imperial. Vive-se em um hodierno marcado por uma profunda mercantilização do saber. A multiplicação de cursos tecnicistas e de faculdades não preocupadas com a verdadeira formação de seus estudantes torna a questão da educação superior no Brasil alarmante.

Durante toda a minha vida estudei em instituições públicas. Filho de nordestinos emigrados para o Rio de Janeiro na década de 70, passei metade da minha educação básica em uma escola municipal e a outra metade no Colégio Pedro II. Nessa instituição tive a possibilidade de alargar meus horizontes de expectativas pessoais, intelectuais e profissionais e foi na mesma que fiz a opção pelo curso de história.

A entrada na universidade pública não me garantia, assim como a ninguém, estabilidade financeira, e desde o primeiro período divido meu tempo entre as atividades de ensino e pesquisa. Pensei, inocentemente, que as políticas públicas estariam ao meu lado, fortalecendo a minha formação para que eu fosse capaz de contribuir, direta e indiretamente, para a formação de outros brasileiros. Mantive essa afável crença até a manhã de hoje. Ao ler o documento da Capes que mudava o seu “entendimento” a respeito da natureza das bolsas fui tomado por uma profunda consternação.

Percebi que como filho de nordestinos e retirantes, que sempre dependi do meu trabalho e de minha família para aprimorar minha formação, resta-me como opção, somente, ocupar um lugar nessa sociedade como simples reprodutor. Devo reproduzir idéias, devo silabicamente dizê-las, sem a possibilidade de ter espaço para criar as minhas próprias. A bolsa, que me foi concedida, permitia que eu trabalhasse dois turnos a menos, o que poderia garantir alguma produção intelectual. Cheguei à conclusão de que não estão preocupados com isso.

Não me foi garantida a possibilidade de interferir na sociedade. Foi-me retirada a possibilidade de transformar o mundo que me cerca, nem que fosse por crer que um filho de retirante pode ascender social e intelectualmente. Estava enganado.

E não me refiro à questão simplesmente financeira. Sabemos que aqueles mil e duzentos reais são quase providenciais, mas não são capazes de garantir os estudos de ninguém. O que

cortaram hoje foi a crença na esperança. A esperança que marcou a trajetória do grupo político que hoje está a frente da política nacional, não foi garantida a mim.

Chego à conclusão que não posso, que não querem que eu, assim como muitos outros, sejam capazes de pensar e questionar. E não é o grupo A nem B que me proíbem disso. É todo um sistema que faz com que os cursos de licenciatura na UFRJ sejam todos noturnos e que não criam turmas dos cursos “nobres” (engenharias, medicina, arquitetura, etc...) nesse horário. O sistema que coloca em seu devido lugar, quem por ventura, deseja ser diferente do que se espera dele.

Os poemas que li, as linhas que escrevi, as ideias que tive, e aquelas que porventura eu viria a ter, tudo isso não serve, pois não sou um indicado a tê-los. Devo voltar à minha esteira, ocupar meu lugar na linha de montagem. Acreditei que mesmo cortando as flores, não seriam capazes de deterem a primavera. Creio hoje que estava enganado. A mim, como a muitos, só é possibilitado o inverno, não sou dos que, sempre, tiveram o verão.

Rio de Janeiro, 9 Maio de 2011.

Paulo Vinicius Aprígio da Silva

Professor de História do Ensino Básico

Mestrando em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia/HCTE

Ex-bolsista CAPES